

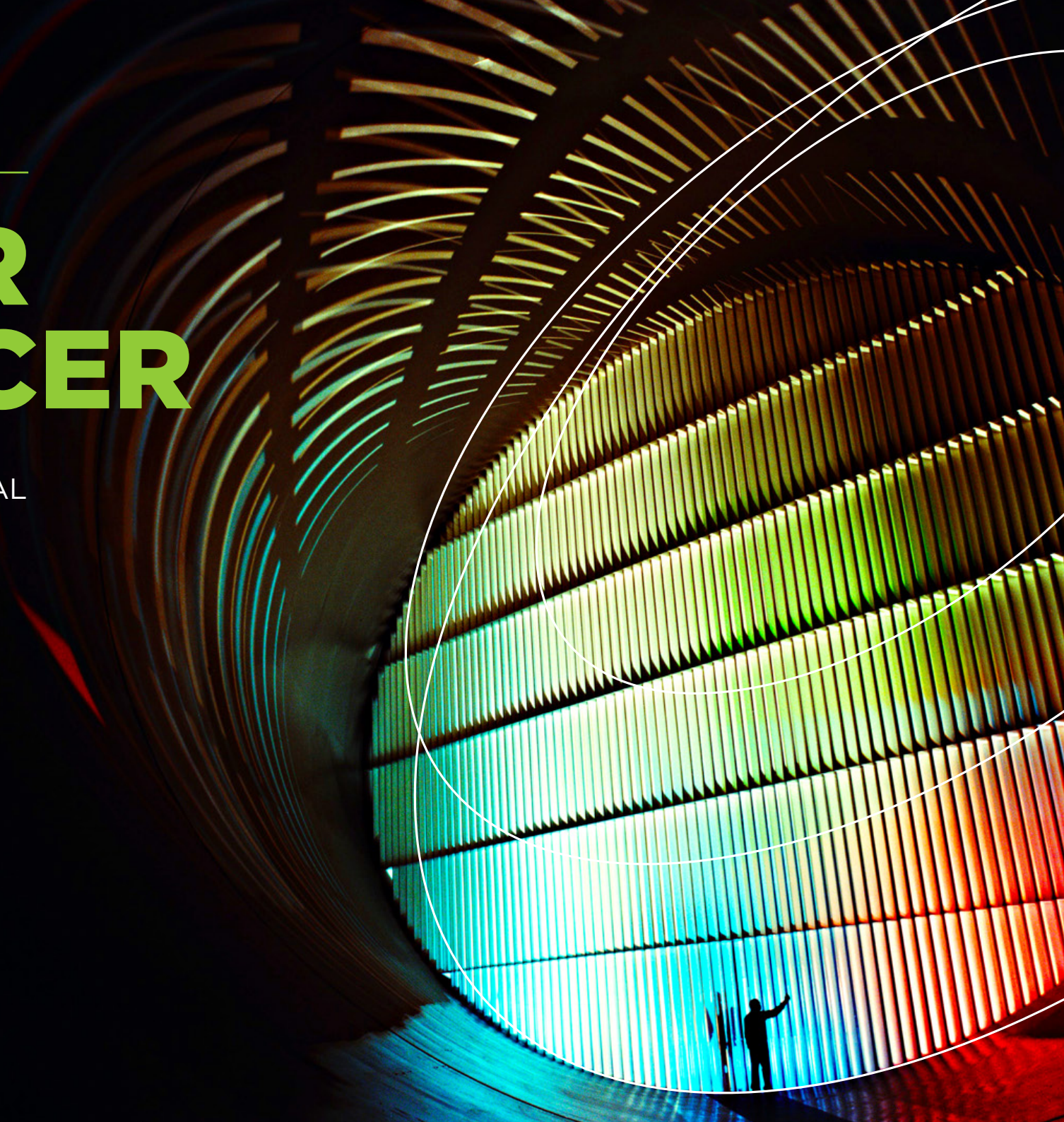
RESUMO
DA CONFERÊNCIA

QUERER E CRESCER

IDEIAS PARA ACELERAR
O CRESCIMENTO DE PORTUGAL

20 DE MAIO 2023 - NOVA BSE

BRP ASSOCIAÇÃO
BUSINESS
ROUNDTABLE
PORTUGAL



ASSUMIR O CRESCIMENTO ECONÓMICO DE PORTUGAL COMO DESÍGNIO NACIONAL

Ter mais ambição, passar das palavras às ações, dos diagnósticos às reformas, dos estudos às obras, do sonho à concretização. Este foi o repto lançado a 20 de março, na conferência da Associação Business Roundtable Portugal (Associação BRP), entidade que reúne as 42 maiores empresas e grupos empresariais em Portugal. Dedicada ao tema “Querer e Crescer – Ideias para acelerar o crescimento de Portugal”, a conferência teve representadas mais de 80 empresas e reuniu mais de 60 líderes empresariais, tendo ainda estado presentes 20 Associações e Instituições, bem como personalidades dos diversos quadrantes da sociedade, para debaterem soluções para um Portugal mais próspero, com maior crescimento e capacidade para gerar maior bem-estar social.

“Só a criação de riqueza e o crescimento nos poderá garantir um futuro mais próspero, mais livre, mais equi-

tativo, sustentável e também mais justo e solidário”, sublinhou Vasco de Mello, Presidente da Associação BRP na sua intervenção de boas-vindas. Contudo, neste campo, o país tem ainda um longo caminho a percorrer: nos últimos 20 anos, a economia portuguesa cresceu menos de 1% ao ano – um indicador que a coloca na 19ª posição no conjunto dos países da Europa a 27.

Somos hoje mais pobres e temos mais pobres do que há duas décadas e estamos a perder talento para o estrangeiro a um ritmo acelerado. “Deixámo-nos convencer de que somos pequenos e pouco competitivos. Normalizámos o fracasso”, adiantou na mesma ocasião Pedro Ginjeira do Nascimento, Secretário-Geral da Associação BRP.

Como podemos então inverter este “círculo vicioso”? Para a Associação BRP, colocar Portugal a crescer muito mais – posicionando-o no top



Vasco de Mello,
Presidente
da Associação BRP



Pedro Ginjeira
do Nascimento,
Secretário-Geral
da Associação BRP

15 europeu da riqueza *per capita* e do desenvolvimento social – é um desígnio que tem de ser posto em prática rapidamente. “O País está hoje num momento decisivo, um momento que define o que seremos nas próximas décadas”, afirmou Vasco de Mello.

Mas operar esta mudança e transformar o país depende, primeiro, da ambição e da ação de cada e, depois, da participação ativa e do esforço coletivo de todos agentes e da sociedade civil. Porque “nenhum de nós é uma ilha, ninguém se realiza isolado. Ou nos realizamos com

os outros e pelos outros ou então não nos realizamos”, referiu o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, no final da conferência.

Formação, requalificação e atração de talento, dimensão e competitividade das empresas, papel do Estado enquanto agente promotor do sucesso das pessoas e empresas, e a visão dos jovens foram as principais temáticas em foco nos painéis do encontro “Querer e Crescer – Ideias para acelerar o crescimento de Portugal”. Conheça algumas das ideias-chave partilhadas pelos intervenientes. ●



Marcelo Rebelo de Sousa
Presidente da República

“Queria agradecer à Associação BRP ter nascido, ter nascido como nasceu e o percurso que fez. [...] Quis fazer um percurso discreto, [...], estudaram os problemas [...] e disseram há coisas em que podemos ajudar e vamos ajudar. [...]

Conseguiram chegar mais longe na base da qualidade do estudo, da qualidade das propostas e da paciência e da insistência no diálogo mesmo quando era difícil. Isto tem muito mérito.”

Marcelo Rebelo de Sousa,
Presidente da República





PARTE I - PESSOAS, O NOSSO MAIOR ATIVO

Como responder ao desafio da requalificação e atração do talento?

Se alguma dúvida ainda existisse sobre a importância do papel da Educação no acesso a melhores oportunidades de carreira e na melhoria do desenvolvimento económico e social de um país, Pedro Santa Clara, diretor da Escola 42, dissipou-a. Numa intervenção intitulada “A Educação como Elevador Social”, o professor e empreendedor revelou que em Portugal, aos 15 anos de

idade, os portugueses mais pobres já têm dois anos de atraso em relação aos portugueses mais ricos – o dobro do verificado no Reino Unido, país também considerado atrasado nesta matéria. Mais: “Quem está neste momento no quarto ano ainda não experimentou um ano letivo normal, devido à pandemia e às greves a que assistimos. Esta geração está praticamente condenada”.

Para inverter esta situação, o investigador defende o investimento na educação pré-primária, uma forte aposta na formação dos professores e no redesenho da carreira dos docentes, um maior aproveitamento da tecnologia para melhorar o ensino e educação, o que passa não por mais aulas remotas, mas por colocar a tecnologia ao serviço da pedagogia e do melhor ensino, e também uma reforma do modelo organizativo das escolas. “Temos atualmente um soviete da Educação, que ten-

ta administrar centralizadamente uma população enorme de escolas que quase não têm autonomia nenhuma”, fazendo uma comparação do que resultaria caso se aplicasse este modelo às padarias “se fossem padarias, a qualidade do pão resultante seria muito má e certamente ninguém queria comprar esse pão” alertou.

O retrato da educação em Portugal e a importância de o país investir nas pessoas foram o mote para um debate com António Murta, CEO

da Pathena, Paulo Rosado, CEO da OutSystems, e Sandra Santos, CEO da BA Glass, moderado por Helena Garrido.

“Na maior parte dos trabalhos, a taxa de obsolescência tecnológica ronda os três anos. Ou seja, em três anos deixamos de ser competentes. Portanto, temos de ‘retreinar’ pessoas permanentemente; vamos ter de estudar durante toda a vida”, afirmou António Murta, sugerindo que as universidades devem canalizar as suas formações não só para educar os jovens, mas também para retreinar os adultos. Indo mais longe, o CEO da Pathena, afirmou que existe um problema importante de que ninguém fala - a falta de educação dos nossos líderes é maior do que a da nossa força de trabalho.

Cerca de 300 mil portugueses vão necessitar de requalificar as suas competências até 2030, dizem as estimativas. Para responder a este desafio, a Associação BRP associou-se ao PRO_MOV, um programa nacional de requalificação, que pretende preparar 20.000 portugueses para os empregos

do futuro. Outra prioridade é a necessidade urgente de repensar o ensino profissional em Portugal. Sandra Santos defendeu uma mudança da dinâmica do ensino profissional para combater o estigma que ainda perdura e assim preparar melhor os Portugueses para as oportunidades de carreiras técnicas relevantes.

Mas este não é o único tema que preocupa as empresas. A fuga de cérebros para o estrangeiro e a falta de capacidade do país para reter o talento que criaram o inferno demográfico é um outro desafio que exige uma resposta rápida. Paulo Rosado explicou os motivos deste fenómeno: “Basta fazer uma série de entrevistas aos jovens que estão no estrangeiro [sobre os motivos que as levaram a sair do país] e as respostas serão sempre as mesmas, relacionadas com duas variáveis: os salários líquidos são bastante baixos e as carreiras pouco interessantes. Portanto, precisamos de empregos mais giros e que remunerem decentemente” o que passa por termos mais e melhores grandes empresas. ●



António Murta
CEO da Pathena

“Os líderes precisam de cuidar da sua autoformação. Caso contrário, vamos continuar a abrir cafés e restaurantes. É tempo de mudarmos o disco.”



Paulo Rosado
CEO Outsystems

“Hoje em dia, as profissões de conhecimento, aquelas que dão mais valor às empresas e conseguem obter os melhores salários, concorrem a nível global. Em quase todos os setores de conhecimento, a guerra do talento é uma guerra global (...).”



Sandra Santos
CEO BA Glass

“Há que desmistificar algumas ideias que ainda persistem sobre a formação profissional. É preciso elucidar, mas falta sobretudo promovê-la como algo positivo. Porque onde nós, empresas, sentimos um maior gap de falta de mão-de-obra especializada é na formação mais técnica.”



Bruno Damásio,
Professor Auxiliar
da NOVA IMS

Os dados mostram que as grandes empresas apresentaram um Valor Acrescentado Bruto (VABpm) 10 vezes superior e pagaram salários 30% mais altos face às médias empresas. No total, as empresas de maior dimensão são responsáveis por 57% da riqueza (VAB) gerada, 62% das exportações, 64,8% das contribuições para a segurança social e 71% dos impostos cobrados no país. “As grandes empresas são a chave da produtividade da economia portuguesa. Uma grande empresa é, em média, 10 vezes

mais produtiva que uma empresa média [...] e representam o desenvolvimento organizacional que se converte em desenvolvimento económico [e social] e que arrasta o resto do país”, sublinhou Bruno Damásio.

A questão que se coloca é saber como dar mais escala às empresas portuguesas para que as pequenas se tornem médias e as de média dimensão se convertam em grandes e globais. Durante o debate moderado por Ricardo

PARTE II - EMPRESAS: DE MÉDIAS A GRANDES E DE GRANDES A GLOBAIS

Por que precisa o país de apostar nas grandes empresas?

Se as pessoas são o maior ativo de um país, as empresas são o seu motor de criação de riqueza e crescimento, principalmente as empresas de maior dimensão já que a escala das empresas afeta desproporcionalmente a sua capacidade criar riqueza. Facto com-

provado pelo estudo “O impacto das grandes empresas em Portugal”, realizado pela NOVA Information Management School (NOVA IMS) para a Associação BRP, e cujos resultados foram apresentados na conferência pelo professor Bruno Damásio coordenador deste estudo.



Painel Empresas:
Ricardo Costa (moderador),
Clara Raposo, António Rios
Amorim e Filipe de Botton

Costa, António Rios Amorim, Vice-presidente da Associação BRP e Presidente e CEO da Corticeira Amorim, identificou os principais obstáculos ao crescimento das empresas, sobre os quais a associação está a trabalhar para encontrar soluções. São eles: a falta de conhecimento das práticas de *governance* nas pequenas e médias empresas portuguesas, as dificuldades na internacionalização e globalização e também as questões relacionadas com o acesso ao financiamento. António Rios Amorim sublinhou a criação pela Associação BRP com o IPCG (instituto Português de Corporate Governance) do programa Metamorfose (www.metamorfose-governance.pt) que contempla um guia prático e evolutivo de como a profissionalização do Governance se aplica à realidade das PME portuguesas, um modelo de scoring que vamos aplicar com os nossos fornecedores e gostaríamos que a banca e o Estado usassem e uma bolsa de quadros das empresas Associadas do BRP com enorme experiência, que colocamos à disposição das empresas de média di-

mensão, para acelerar e desafiar o seu continuado crescimento. “Este é um exemplo prático do que na Associação BRP estamos a fazer para ajudar as PME a ganharem escala” afirmou.

Sobre o acesso a capital, Clara Raposo, Vice-governadora do Banco de Portugal, afirmou: “É importante termos um sistema financeiro e um setor bancário sólidos [...] para responder às necessidades de financiamento das empresas. Mas o ponto essencial para o crescimento das empresas – nomeadamente aquelas que têm potencial para gerar mais produtividade e inovação – está relacionado com um modelo de financiamento que não passa tanto pelo crédito, mas sim pelo capital próprio, pelo *equity*”. Salvaguardando que este não é um problema apenas de Portugal, mas transversal na Europa, Clara Raposo defendeu a necessidade de “promover na Europa um modelo de fixação de capital próprio que consiga concorrer com outras praças” e assim promover o crescimento e escala das nossas empresas.

Por seu lado, Filipe de Botton, Presidente da Logoplaste, destacou a problemática da internacionalização e globalização das PME, salientando as iniciativas concretas que a Associação BRP, em colaboração com o AICEP, tem implementado para apoiar o crescimento das PME neste campo, como o reforço do programa INOV Contacto e a criação do Inov Contacto Reverse ou a disponibilização de

tempo dos CEOs dos associados para “bater bolas com os CEOs das PME que estão a preparar a sua globalização” e de espaços de *cowork* para as empresas que queiram dar o salto da internacionalização, aproveitando as instalações que os Associados do BRP dispõem nas diversas geografias onde se encontram, apoiando os primeiros passos de quem se aventura numa nova geografia. ●



António Rios Amorim
Vice-presidente da Associação BRP
e Presidente e CEO da Corticeira Amorim

“Uma empresa que dependa apenas de Portugal nunca poderá ser grande, porque somos um mercado pequeno. Se tivermos a ambição de fazer crescer a empresa e se nos viciarmos no crescimento – que é isso que falta ao país – resolvemos muitos problemas relacionados com o crescimento económico. Temos de olhar para o crescimento económico como um desígnio nacional. E para acelerá-lo precisamos de ter mais empresas de grande dimensão.”



Clara Raposo
Vice-Governadora
Banco de Portugal

“É importante termos um sistema financeiro e um setor bancário sólidos, com liquidez para responder às necessidades de financiamento das empresas. Mas o ponto essencial para o crescimento das empresas – nomeadamente aquelas que têm potencial para gerar mais produtividade e inovação – está relacionado com o modelo de financiamento que não passa tanto pelo crédito, mas sim pelo capital próprio, pelo equity.”



Filipe de Botton
Presidente Logoplaste

“[Na Associação BRP] assumimos esta responsabilidade de darmos de nós próprios ao País, para ajudar as pequenas empresas a tornarem-se maiores e para que possam, através das exportações ou pela internacionalização, sair de Portugal.”

**PARTE III - ESTADO: PROMOTOR DO SUCESSO
DE PESSOAS E EMPRESAS**

Como podemos transitar do Estado protetor para o Estado promotor?

Qual o papel que o Estado e as instituições públicas devem assumir para apoiar e incentivar o crescimento económico? E o que é urgente mudar? Estas foram algumas das questões colocadas no terceiro painel de debate da conferência promovida pela Associação BRP.

Fernando Alexandre, professor da Universidade do Minho, salientou o facto de o aumento de escolaridade em Portugal não se estar a traduzir em ganhos de produtividade, numa intervenção inicial, e apontou algumas falhas institucionais que explicam os porquês da falta de ganhos de competitividade do país e . O nível muito elevado da dívida pública e resultante a elevada carga fiscal que recai sobre empresas e particulares ou a rigidez do mercado de trabalho foram alguns dos pontos salientados

pelo investigador. Por outro lado, o investigador considerou que a recente evolução das exportações são um exemplo do que pode ser uma luz ao fundo do túnel, porque reflete um renovado dinamismo dos nossos empresários e porque resulta de Portugal ser atualmente um polo de atração de pessoas e de investimento direto estrangeiro. Fernando Alexandre alertou que “há um risco de se desperdiçar este momento positivo de crescimento caso as políticas públicas não sejam as corretas”.

Mas existem outros aspetos onde é urgente mudar as práticas ou os procedimentos públicos, sob pena de continuarmos a perder competitividade face aos nossos pares. Nuno Amado, *chairman do Millennium bcp*, destacou quatro áreas chave identificadas pela Associação BRP para operar mudan-



ças urgentes: o licenciamento e a burocracia, a justiça, a fiscalidade e a regulação. “O Estado tem as suas funções, tem de as executar. Mas não é com mais dívida, nem com mais Estado que conseguimos melhorar a produtividade do país e criar riqueza. Isso tem de ser feito numa parceria entre o Estado e as empresas”, afirmou aquele responsável explicando como a Associação BRP tem colaborado com o Estado através de propostas práticas e concretas e de uma

abordagem colaborativa, em particular nas áreas da burocracia, licenciamento e até fiscalidade onde tem havido da parte do Estado alguma abertura. Por seu lado, João Tiago Silveira, Sócio da Morais Leitão, destacou o facto de não termos uma sociedade civil forte e mobilizada que reflita sobre este tipo de matérias. O especialista apontou ainda para o facto de a Administração Pública não trabalhar em rede e de forma colaborativa: “Muitas vezes, é mais



Painel Estado:
Pedro Santos Guerreiro
(moderador), Nuno
Amado, Jorge Moreira da
Silva e João Tiago Silveira

fácil emitir um parecer no conforto de um gabinete, olhando apenas para uma perspetiva – a perspetiva que diz respeito à nossa entidade –, em vez de olharmos para o projeto como um todo. Isto acontece porque nunca houve uma cultura de trabalho em rede na nossa Administração Pública, mas também porque pagamos muito mal aos dirigentes da Administração Pública, que têm responsabilidades elevadíssimas”, aspeto que merece ser discutido.

Mudar o panorama vigente exige repensar o modelo de organização das instituições públicas e também o papel do Estado. E isso, só por si, constitui já um problema. Jorge Moreira da Silva, Presidente da Plataforma para o Crescimento Sustentável, referiu que o tema da reforma do Estado é um “elefante no meio da sala” que poucos se atrevem abordar, mas que exige coragem e determinação. “Temos mesmo de enfrentar o tema das funções do Estado. Um país que tem uma car-

ga fiscal como esta e uma despesa pública superior a 100 mil milhões de euros, precisa obviamente de repensar as suas funções. Mas também por razões sociais: porque as desigualdades sociais obrigam à adoção de políticas públicas mais eficientes e mais próximas das pes-

soas. E ainda por questões de resiliência e de confiança”. Jorge Moreira da Silva lançou ainda o repto: “Não devemos sair desta sala sem responder à pergunta: onde é que o Estado deve estar como prestador, como concedente, como regulador e como fiscalizador”



Nuno Amado
Chairman do Millennium Bcp
e membro da direção
da Associação Business
Roundtable Portugal

“Obviamente que a dimensão [do Estado] cria complexidade, torna mais difícil executar e tem de haver uma contrapartida que é a necessidade de decidir, a necessidade de executar e possibilidade de o fazer em tempo oportuno. [...] Ao nível da Associação BRP tem havido diálogo ao nível mais alto do aparelho de Estado, se esse diálogo é frutuoso não é claro: tem sido nalgumas áreas, ainda que sem o sentido de urgência que nós temos tido [...] mas somos persistentes e vamos continuar a perseguir os nossos objetivos.”



Jorge Moreira da Silva
Presidente Plataforma
para o Crescimento Sustentável

“Temos mesmo de enfrentar o tema das funções do Estado. Um país que tem uma carga fiscal como esta e uma despesa pública superior a 100 mil milhões, precisa obviamente de repensar as suas funções. Mas também por razões sociais: porque as desigualdades sociais obrigam a adoção de políticas públicas mais eficientes e mais próximas das pessoas. E ainda por questões de resiliência e de confiança.”



João Tiago Silveira
Sócio Morais Leitão

“Um dos problemas da nossa Administração Pública deriva do facto de não trabalhar em rede ou de forma colaborativa. Isto acontece porque nunca houve uma cultura de trabalho de rede, mas também porque pagamos muito mal aos dirigentes da Administração Pública, que têm responsabilidades elevadíssimas.”



PARTE IV – OS DESAFIOS NACIONAIS VISTOS PELOS MAIS JOVENS

O futuro de Portugal visto pela lente da nova geração de portugueses

Porque na Associação BRP somos abertos à sociedade e o futuro do país são os mais jovens, a conferência “Querer e Crescer - Ideias para acelerar o crescimento de Portugal” quis também escutar a geração mais jovem que se encontra a terminar os seus estudos universitários e a ingressar no mercado de trabalho, sobre aqui-

lo que pode ser feito para tornar Portugal um país mais próspero nas diversas dimensões. Num painel moderado por João Castello Branco, Presidente do Conselho Consultivo da Associação BRP, três jovens estudantes da Nova SBE deram o seu testemunho de como gostariam de ver Portugal daqui a 20 anos. ●



João Castello Branco
Empresário, Presidente do Conselho Consultivo da Associação BRP

“Sou [...] muito otimista em relação ao futuro do país e [...] é importante sairmos de uma certa dinâmica fatalista e de queixumes [...] e tomar as coisas nas nossas próprias mãos” e “Podemos concluir que estamos bem entregues”



João Fialho Freire
Aluno da licenciatura de gestão da NovaSBE

“Um país sem corrupção seria aquilo que eu veria com melhores olhos. Um país sem pequenos favores e que não utilizasse uma falha do sistema. Acima de tudo, gostava que fosse um país meritocrático, que desse valor aos jovens e fosse um país à imagem do Comendador Rui Nabeiro, que dê a mão e dignifique o nome de Portugal”



Sara Madeira Cal
Licenciada e mestre em economia pela NovaSBE,

“Nos últimos anos Portugal tem feito um progresso extraordinário na educação, principalmente, dos mais jovens. No entanto, se olharmos para a população com mais de 25 anos o cenário é, de facto, diferente e vemos que 40% das pessoas não concluíram o ensino secundário. Nesse cenário, o investimento na educação tem de continuar”.



Pedro Sousa Coelho
Licenciado e aluno do mestrado de economia da NovaSBE,

“Hoje, parece que existem mais jovens ligados à política, mas essa ação centra-se muito nas redes sociais e no ativismo, e nunca se traduz efetivamente no acesso à classe política. É preciso que existam mais jovens que queiram aceder à classe política ”

BRP

ASSOCIAÇÃO
BUSINESS
ROUNDTABLE
PORTUGAL

Sobre a Associação BRP

A Associação BRP refere-se a "Associação Business Roundtable Portugal" e constitui-se como uma instância independente e de exercício do dever de cidadania das empresas associadas, das suas lideranças, e não de defesa dos seus interesses. A Associação BRP é composta por 42 líderes de empresas e grupos empresariais relevantes pelo seu valor acrescentado, emprego, investimento e contributo genérico para Portugal. Integra setores de atividade económica diversos, localizações geográficas diferentes e empresas em fase de desenvolvimento distintas. O conjunto dos líderes empresariais é representado por uma direção composta por nove membros, nomeados numa base rotativa, em mandatos de três anos. A atividade da Associação BRP pode ser conhecida em www.abrp.pt.

(c) 2023. Para mais informação, contacte a Associação BRP